




APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ ESPECIAL - #2 SEMINÁRIO INTERNACIONAL GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO NA ORDEM DO DIA – INTERSECCIONALIDADES EM (RE)EXISTÊNCIA

 <https://orcid.org/0000-0001-9049-5200> Denize Sepulveda^A

 <https://orcid.org/0000-0002-7809-5164> Jonas Alves^B

 <https://orcid.org/0000-0003-4206-358X> Renan Corrêa^C

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

^B Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Nova Iguaçu, RJ, Brasil

^C Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

Recebido em: 01 ago. 2022 | Aceito em: 15 set. 2022

Correspondência: Denize Sepulveda (denizesepulveda@hotmail.com)

O Dossiê Especial “**II Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia - Interseccionalidades em (Re)Existências**” foi pensado para apresentar os resultados das palestras e minicursos que ocorreram no seminário que dá o título a essa apresentação e que ocorreu no mês de agosto de 2021.

Devido à importância das alocações que foram proferidas, a professora Denize Sepulveda, e a professora Jonas Alves tiveram a ideia de registrá-las em uma produção escrita, apesar das palestras (mesas) estarem acessíveis no canal do *Youtube* “GESDI para Todxs”, pertencente ao “Grupo de Pesquisa e Estudos Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários Espaços Tempos da História e dos Cotidianos (GESDI)”. Tal opção se deu por considerarmos que diferentes tipos de registros são importantes para que alcancemos um maior número de pessoas.

É importante destacar que desde 2013 houve um aumento dos conservadorismos no Brasil. Não podemos deixar de lembrar que tal ano entrou para a história do nosso país como aquele em que a população foi para a rua, no qual várias manifestações populares, com reivindicações diversas ocorreram em todo o território brasileiro. Alguns desses grupos que se manifestaram eram de origens conservadoras, com uma pauta contra as discussões de gêneros e sexualidades.

Enquanto a agenda dos manifestantes era difusa, a resposta do Estado era confusa. As grandes cidades foram as principais vítimas. Os poderes executivos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro demonstraram uma



sucessão de erros, marcados por atos autoritários e recuos inacreditáveis. (SEPULVEDA, 2013, p. 110)

Consideramos os conservadorismos como um processo. Assim, a perspectiva histórica é necessária para analisarmos os processos nos quais se desenvolvem, pois nunca são os mesmos. Dessa forma, não podemos congelar a história em perspectivas rígidas de análise, pois os processos históricos são sempre desiguais e contraditórios, como bem enfatizou Thompson (1981, p. 105):

Mas em qualquer conjuntura particular, quando poderíamos escolher deter a história ou tomar dela uma “seção”, a “última instância” (que lembramos, não chega nunca) provavelmente não estará por perto. Esse tipo de sincronia, que procura um instante simultâneo da “totalidade”, interpretará inadequadamente as evidências. Além do mais, a maioria das outras “instâncias” ou “níveis” da estrutura se apresentará de maneira imprópria, já que todos estão se movendo em planos diferentes.

Dessa forma, compreendemos que os conservadorismos se estabelecem a partir de uma cultura conservadora. São os resultados de regularidades de argumentos utilizados em circunstâncias diferentes entre si por vários agentes históricos.

Assim, como argumentam Sepulveda & Sepulveda (2019, p. 872), não é possível se pensar em conservadorismos de maneira estática, tanto sociológica quanto antropológicamente.

(...) Ou seja, a história é marcada por disputas, em especial por aquilo que se vinculou chamar de luta de classes. Na disputa por poder que ocorre no campo da cultura, o conservadorismo é um importante elemento na construção dos interesses de classe e da própria consciência de classe. Em tal processo, não estão em disputa somente as condições materiais de sobrevivência, o estão também as condições simbólicas, compostas por diversas argumentações, de diferentes naturezas. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.

Os problemas dos discursos conservadores são suas formas de persuasão. Como bem sinaliza Mannhein (1959), o conservadorismo nasce do tradicionalismo; portanto, tem um forte significado social e identitário, tornando mais simples, para um segmento da população, se identificar com seu discurso. Vemos isso acontecer com grupos proativos em defesa da “moral e dos bons costumes”, muito em voga atualmente no país e no mundo.

O Movimento Escola Sem Partido (MESP), grupo ultra-conservador, a partir de 2004 passou a acusar professorxs de serem doutrinadorxs e xs ameaçando. Enfatizava que tais profissionais queriam doutrinar os alunos de acordo com o marxismo cultural.

Este seria a efetivação das propostas teóricas do autor marxista italiano Antonio Gramsci, que, segundo o Escola sem Partido, defendia a ocupação cultural da sociedade, via preenchimento de cargos na administração pública, principalmente na área da educação. (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2019, p. 885)

Nesse processo, o MESP elegeu novos inimigos, foram eles os movimentos identitários, em especial aqueles que defendem pautas feministas e LGBTIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexos, Assexuais e Pansexuais). Passaram a alegar que xs educadorxs de escolas e universidades praticavam “ideologia de gênero”, pois queriam transformar “meninas em meninos e meninos em meninas” e, assim, acabarem com a “família tradicional brasileira”. Tal discurso encontrou grande sintonia com uma parte da população brasileira, principalmente entre religiosos cristãos neopentecostais e uma parcela católica.

Neste cenário de aumento dos conservadorismos uma verdadeira “caça às bruxas” foi realizada em relação aos professorxs. O pânico moral passou a ser a principal arma do MESP. Como consequência o resultado mais efetivo foi o ataque aos projetos de lei que defendiam de alguma forma as pautas de gênero, como por exemplo o Plano Nacional de Educação (2014) e a Base Nacional Comum Curricular (2017).

Assim, como enfrentamento a esses conservadorismos, o **“II Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia - Interseccionalidades em (Re)Existências”** foi desenvolvido, sendo que este Dossiê Especial traz algumas das discussões que foram tecidas no referido Seminário.

O primeiro artigo, intitulado **“Tessituras sobre o seminário internacional gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia - interseccionalidades em (re)existências”**, de autoria de Denize Sepulveda, Sara Wagner York e Renan Corrêa, apresentam os contextos em que o primeiro e segundo seminário foram pensados e desenvolvidos, assim como, traz à tona também as mesas e os minicursos que constituíram o segundo seminário.

Abrindo as mesas, ou melhor dizendo, os artigos oriundos das conferências proferidas no seminário, o artigo intitulado **“Saber a verdade que ninguém conta”: neoconservadorismo brasileiro, educação, formação e a “destruição” do ensino público**, de autoria de Katya Braghini e José Antonio Sepulveda, nos mostra como principalmente após a eleição do atual presidente da república, há uma ascensão dos conservadorismos no Brasil.

Já em **“Reconstruindo o percurso do corpo feminino na história das sociedades dos machos: por onde andavam as mulheres?”**, Leandro Rodrigues Nascimento da Silva, Jonas Alves e Liliana Rodrigues nos mostram como foi sendo feita a construção da história do corpo das mulheres que mesmo invisibilizadas ao longo da história, fizeram as suas vozes serem ouvidas para conquistar seus direitos.

Ivan Amaro, Bruno Rodrigues Ganem e Ernane Alexandre Pereira analisam a trajetória de pessoas transexuais e travestis em suas vivências na/com a escola em os **“Modos outros de discência e docência: atravessamentos entre experiências (trans)discentes e a produção acadêmica sobre (trans)docências”**.

No artigo **“Pandemia e pandemônio no Brasil contemporâneo: reflexões sobre a produção das diferenças”**, Esmael Alves de Oliveira nos apresenta a necropolítica praticada pelo atual governo durante a Pandemia de Covid-19. Esta análise é feita a partir dos marcadores sociais minoritários.

No sexto artigo, denominado **“Ocupa Cairu: Demandas de gênero e raça constituídas na luta do movimento de ocupações de escola”**, Mariana Reis analisa a constituição das demandas e subjetivações de ocupantes de escola pertencentes a instituição “Visconde de Cairu” (Ocupa Cairu), referentes ao debate de gênero, raça, classe e sexualidade presentes neste espaço cotidiano do movimento.

Em seguida, Rosangela Malachias, no texto **“Só podia ser coisa de preta! Reflexões interseccionais de uma educadora”**, contribui para a compreensão do conceito de interseccionalidade, como conhecimento também produzido por mulheres negras intelectuais brasileiras. Para tanto, como estratégia metodológica, a narrativa apresenta as interfaces da História, Comunicação e Educação.

No texto **“Histórias de nós mesmas que nos permitem existir para além de uma vida: crianças, bichinhas e uma dose de veneno”**, os autores Anderson Ferrari e Alexandro Rodrigues têm como propósito colocar sob investigação seus processos de lembrar e contar, advindos das relações entre memória, narrativa, experiência e subjetividades. Para isso, tomam uma cena da série “Veneno”, em que uma mulher transexual, conhecida como La Veneno, recorda a primeira vez em que alguém a nomeou como bicha. A cena, isoladamente, não os interessa, mas, sim, o processo de lembrar e contar o que ela provoca, pois possibilita que eles problematizem as narrativas das crianças bichas que são incitadas pela cena.

No nono artigo, **“Práticas ciberativistas na pandemia: quando a rede mobiliza atos de resistência à necropolítica”**, Marcelle Medeiros Teixeira e Dilton Ribeiro Couto Junior analisam práticas ciberativistas cartografadas em tempos de COVID-19. O foco do trabalho foi discutir três episódios que ocorreram no final de 2021 e que repercutiram nas redes: 1) a participação de Bolsonaro e sua comitiva na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU); 2) a manifestação a favor do governo ocorrida no dia primeiro de agosto de 2021 em São Paulo (SP); e 3) a manifestação contrária ao governo ocorrida no dia sete de setembro no Rio de Janeiro (RJ). Para isso, xs autorxs utilizaram a cartografia *online* como metodologia de pesquisa, privilegiando princípios como a atenção e o afetamento frente aos acontecimentos contemporâneos investigados.

Dando prosseguimento, Mirna Juliana Santos Fonseca, no texto **“Saúde da Mulher no Instagram e Letramento Digital”**, apresenta a análise inicial de *posts* publicados no Instagram, que tratam dos temas mais diversos relacionados à saúde da mulher, entre os quais se destacam: anatomia do corpo feminino; menstruação; desmistificação do prazer/orgasmo; aceitação e empoderamento de seus corpos. A autora diz que a quantidade de materiais a respeito do tema é grande, porém ínfima se comparada aos *posts* e perfis que objetificam o corpo da mulher pornograficamente. Trata-se de um tema importante para a educação sexual de jovens e crianças, antes realizada pelas revistas *tens* e atualmente viabilizada nas redes digitais, através de imagens/vídeos, *memes* e *lives*, acessados também por mulheres adultas.

Finalizando os textos que compõem o Dossiê Especial, contamos com a participação de Alexandre Gaspari, com o artigo **“Bichas velhas: pedagogias da(s) masculinidade(s) e da Velhitude”**. Nele, o autor, tensionando as categorias gênero, sexualidade, geração e outros marcadores sociais da diferença, a partir da noção de interseccionalidade, propõe uma reflexão sobre o “masculino” e o “velho”. Igualmente apresenta as construções da masculinidade e da “nova velhice” e mostra como tais construções operam na formação de um “gay idoso” típico-ideal, contraposto à “bicha velha”.

É importante sinalizar que além dos artigos que compõem o Dossiê Especial, temos 2 artigos de demanda contínua, 1 relato de experiência, 3 resenhas e 1 entrevista. Convidamos a todxs que façam a leitura dos artigos que aqui estão e que se deleitem com eles.

Referências:

BRASIL. *Lei n. 13.005*, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, p. 1, 26 jun. 2014. Disponível em: . Acesso em: 29 out. 2022.

_____. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, 6 abr. 2017. Disponível em: . Acesso em: 29 ago. 2019.

MANNHEIM, K. O pensamento conservador. In: MANNHEIM, Karl. *Essays on sociology and social psychology*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1959. p. 74-119.

SEPULVEDA, J. A. As manifestações de Junho, os intelectuais e o vandalismo de Estado. In: BIAR, Marcelo. *E o povo reinventou as ruas: olhares diversos sobre as manifestações de 2013*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

_____. & SEPULVEDA, D. Conservadorismos e seus impactos no currículo escolar. *Revista Currículo Sem Fronteiras*. v. 19, n. 3, set./dez. 2019.

THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.